
“PROFESSOR, VOCÊ ESTÁ TRAINDO A GENTE?”: A MONOGAMIA DOS AFETOS NO HORIZONTE DA SALA DE AULA

“TEACHER, ARE YOU CHEATING ON US?”: THE MONOGAMY OF AFFECTIONS IN THE CLASSROOM HORIZON

“MAESTRO, ¿NOS ESTÁS ENGAÑANDO?”: LA MONOGAMIA DE LOS AFECTOS EN EL HORIZONTE DEL AULA

Vinícius Henrique dos Santos¹

<https://doi.org/10.5935/2358-3541.2024143369-pt>

Resumo

O apego emocional de alunos com relação a seus professores e ex-professores é objeto de análise deste artigo a fim de ampliar a discussão acerca dos impactos da monogamia dos afetos nas relações humanas. A falta de repertório analítico, indicada pela revisão bibliográfica do tema, provocou a necessidade de movimentos que foram desde a análise de um filme, que ilustra a construção da relação afetiva entre professores e alunos, até a discussão de uma auto-etnografia do próprio autor em sala de aula. Os resultados da reflexão crítica apontam que a monogamia dos afetos está presente na sala de aula e que seus impactos se expressam na resistência de alunos à mediação de outros professores que não sejam o seu como forma de validação dessa relação central, fator que dificulta o trabalho docente e torna-se um desafio à esfera educacional. Por fim, o artigo sugere um resgate da pedagogia engajada proposta por bell hooks como forma de indicar alternativas a esse desafio em questão.

Palavras-Chave: Monogamia; Educação; Violência;

Abstract

The emotional attachment of students to their teachers and former teachers is the subject of analysis in this article in order to broaden the discussion about the impacts of monogamy of affections on human relationships. The lack of analytical repertoire, indicated by the bibliographic review of the topic, led to the need for movements that ranged from the analysis of a film that illustrates the construction of the emotional

¹ Doutorando no Programa de Pós-graduação em Educação da Unesp de Marília (PPGE/UNESP). Mestre em Sociologia (PPGSOC/UEL) Licenciado e Bacharel em Ciências Sociais (UNESP-FFC). E-mail: prof.viniciu@gmail.com

relationship between teachers and students, to the discussion of an auto-ethnography of the author himself in the classroom. The results of the critical reflection indicate that monogamy of affections is present in the classroom and that its impacts are expressed in the resistance of students to the mediation of teachers other than their own as a way of validating this central relationship, a factor that hinders teaching work and becomes a challenge to the educational sphere. Finally, the article suggests a rescue of the engaged pedagogy proposed by bell hooks as a way of indicating alternatives to this challenge in question.

Keywords: Monogamy; Education; Violence;

Resumen

El apego emocional de los estudiantes a sus profesores y ex profesores es objeto de análisis en este artículo con el fin de ampliar la discusión sobre los impactos de la monogamia de afectos en las relaciones humanas. La falta de repertorio analítico, señalada por la revisión bibliográfica del tema, generó la necesidad de movimientos que abarcaron desde el análisis de una película que ilustra la construcción de la relación afectiva entre profesores y estudiantes, hasta la discusión de una autoetnografía. del propio autor en el aula. Los resultados de la reflexión crítica indican que la monogamia de afectos está presente en el aula y que sus impactos se expresan en la resistencia de los estudiantes a la mediación de docentes distintos al suyo como forma de validar esta relación central, factor que dificulta la enseñanza. trabajo y se convierte en un desafío para el ámbito educativo. Finalmente, el artículo sugiere un rescate de la pedagogía comprometida propuesta por bell hooks como una forma de indicar alternativas a este desafío en cuestión.

Palabras Clave: Monogamia; Educación; Violencia;

INTRODUÇÃO

A violência escolar, o bullying e o desinteresse de alunos pelos estudos são temas que ocupam espaços centrais nos noticiários, pesquisas acadêmicas e até mesmo no imaginário social no que tange aos desafios de professores nas salas de aula. Mesmo reconhecendo que esses problemas educacionais são reais e que permeiam a vida e o cotidiano nas escolas, este artigo tem como objetivo analisar uma outra questão que, apesar de receber pouca atenção, também existe e pode atravessar a relação de professores e estudantes de uma forma tão desafiadora quanto as problemáticas que permeiam o pensamento hegemônico sobre o cotidiano

escolar: trata-se do apego emocional de alunos por seus professores (ou ex-professores) durante a mediação e a interação com outros docentes.

Ao atuar como professor e estabelecer relações de ensino e aprendizagem com alunos das turmas pelas quais sou responsável, noto não só a dificuldade deles em reconhecer a legitimidade da concomitância de relações positivas com outros professores, como também os efeitos negativos disso em suas ações. Tal dificuldade se expressa, especialmente, na interação com outros docentes e com outros alunos por que eu também seja responsável. Nesses casos, os alunos tendem a ser resistentes na substituição de professores, sendo desrespeitosos e até indiferentes durante uma mediação que não seja a minha, além de questionarem o meu nível de investimento emocional e de outros professores sobre a turma com relação às demais, além de rivalizar com colegas sobre a questão.

A não admissão da concomitância de relações positivas é uma característica constitutiva da monogamia dos afetos e, como demonstrado por pesquisas temáticas, tal estrutura social possui efeitos nocivos às relações humanas (Núñez, 2023). À vista disso, este artigo se divide em quatro partes para a produção de uma reflexão crítica acerca de como a monogamia dos afetos aparece no horizonte escolar e como tal estrutura se constitui como um problema para o ensino, principalmente quando há necessidades de troca de professores, substituições pontuais, para o clima escolar e a vida como um todo.

Destarte, na primeira parte, apresento o percurso metodológico da pesquisa, que envolveu a revisão bibliográfica do tema somada à discussão da necessidade de coleta de dados e de relatos de experiências profissionais sobre o assunto; na segunda parte, realizo um resgate conceitual da monogamia dos afetos; e na terceira, faço uma aproximação do conceito com a temática educacional para, enfim, tecer considerações finais acerca da urgência de se reconhecer a presença da monogamia na sala de aula, refletir sobre seus impactos e pensar em alternativas rumo ao desenvolvimento social e educacional.

PERCURSO METODOLÓGICO

Teoria e prática caminham juntas quando tecemos reflexões críticas à realidade a partir de nossas dores (Hooks, 2013, p. 104). Justamente, debruçar-se a respeito dos impactos da monogamia dos afetos sobre as relações humanas, e mais especificamente sobre a educação, foi um movimento iniciado pela dor de observar alunos e alunas das turmas que eram de minha responsabilidade, rejeitando a mediação de outros docentes em casos de substituição. Busquei nas teorias pedagógicas as respostas para minhas inquietações profissionais, afinal, por que alunos que tinham um alto nível de dedicação em minhas aulas, que demonstravam habilidades de comunicação, relacionamento interpessoal e conduta ética não conseguiam estender seus empenhos para mediação de outros professores?

Diga-se de passagem, essa dor a que me refiro não era apenas resultado de um sentimento de frustração, visto que minha avaliação positiva da turma era contraposta às experiências negativas de outros docentes com os mesmos grupos de alunos. Essa dor também era coletiva, pois as manifestações de apatia e rejeição às mediações de terceiros também afligia emocionalmente meus colegas e até mesmo eu, quando tinha que substituir outras turmas e notava a mesma característica de comportamento: um certo apego emocional dos alunos à relação de ensino e aprendizagem do professor responsável pela turma que impedia o estabelecimento de uma relação positiva concomitante com um professor substituto.

Da teoria para a prática, descartei indicativos de que a problemática era resultado de resquícios do sistema bancário de ensino, pois os alunos reconheciam-se enquanto parte ativa da produção do conhecimento, inclusive ao ponto de solicitar ao docente substituto que seguisse com a organização e as técnicas de ensino do professor responsável. No mesmo sentido, também entendi que os alunos já haviam assimilado as possibilidades de uma educação libertadora, com um alto nível de participação; as atividades eram feitas por todas as mãos, todos se entendendo enquanto parte responsável por uma produção². E mesmo após intervenções

² bell hooks (2013, p. 57) apontou que no sistema de ensino que Paulo Freire denominou de educação bancária, os alunos são encarados como apenas consumidores passivos do conhecimento, por isso a educação libertadora e engajada seria aquela em que os e as alunas se sentissem responsáveis pela contribuição com o aprendizado na sala de aula. Destarte, ao identificar que os grupos de alunos eram participantes ativos da construção das dinâmicas das aulas, inclusive, nas críticas e nas reivindicações, faz sentido considerar que o movimento da relação de ensino e aprendizagem construída até então indicava mais caminhos de libertação e engajamento do que um mero consumo passivo do que acontecia em sala de aula.

pedagógicas para se desenvolver o relacionamento interpessoal positivo, a relação central com um professor persistia como um problema ao professor substituto que, embora seguisse as mesmas estratégias, recebia comparações e falas como “o nosso professor faltou, ele traiu a gente!”.

Essa última fala fez com que o tema da monogamia dos afetos aparecesse no horizonte dos levantamentos bibliográficos sobre minhas pesquisas em educação; a busca por pesquisas temáticas sobre a questão, que tratassem especificamente de atravessamentos da monogamia na educação e na sala de aula, demonstraram-se, entretanto, insuficientes. Ao traçar uma revisão bibliográfica acerca das produções científicas publicadas em duas plataformas de acesso sobre a monogamia dos afetos na sala de aula e na educação, não identifiquei produções que dialogassem diretamente com o assunto estudado aqui - a saber, a monogamia dos afetos no horizonte da sala de aula e da educação como um todo.

As bases de dados para a coleta de produções para análise foram: Portal de Periódicos da CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior e SciELO – Scientific Electronic Library. A escolha se deu pela abrangência de temas e origem das produções científicas. E o processo da coleta está organizado no quadro abaixo:

Quadro 1 – Total de artigos encontrados com descritores aplicados isoladamente

DESCRITORES	BASE DE DADOS		
	SciELO	Periódicos CAPES	Total
Monogamia	19 artigos	41 artigos	60
Educação Afetiva	57 artigos	40 artigos	97
Professor-Aluno	121 artigos	7.257 artigos	7.378
Didática do Afeto	2 artigos	37 artigos	39
Ciúmes na Escola	0 artigos	7 artigos	7

Fonte: O autor (2024).

Apesar do número expressivo de artigos encontrados, nenhum correlaciona os temas da monogamia dos afetos e a sala de aula quando os descritores são buscados de forma combinada. Quando feita, a busca totalizou 0 artigos a serem aproveitados,

isto é, as produções encontradas não balizam a monogamia dos afetos enquanto um problema e/ou um fator constitutivo das relações de ensino e aprendizagem. Houve um recorte de busca para artigos publicados entre os anos 2000 e 2024, em português, nas áreas das ciências humanas, que tivessem acesso aberto e a busca foi realizada entre 01/08/2024 e 05/10/2024. Os textos publicados sobre monogamia citaram de forma expressiva a produção da autora Gení Núñez “Descolonizando afetos” (2023) e, portanto, ela foi lida de forma integral e aproveitada para a produção de uma reflexão crítica sobre a monogamia dos afetos no horizonte escolar, bem como para a revisão conceitual do termo monogamia dos afetos.

Para lidar com a ausência de um repertório expressivo para análise, trago para o artigo o método auto-etnográfico, isto é, a forma de elaboração de um relato sobre um grupo de pertença, a partir de “si mesmo” (da ótica daquele que escreve) (Santos, 2017, p. 218), a fim de produzir dados que balizam uma análise sobre a presença da monogamia na sala de aula. Desse modo, a produção dos dados ocorreu a partir da descrição de vivências que possibilitam analisar como a monogamia dos afetos aparece no horizonte da sala de aula e destacar seus efeitos sobre as dinâmicas das turmas. Não afirmo que este artigo apresenta um tema inédito, pois é possível que pesquisadores tenham publicado suas pesquisas em plataformas que não foram exploradas por este estudo e/ou estejam em língua estrangeira, mas que devido ao pouco repertório disponível para análise foi necessário trazer dados de minha própria vivência como professor, apresentando alguns desafios encontrados ao ter que assumir turmas que já possuíam relações de ensino e aprendizagem positivas com outro professor.

Aproveitei também uma produção cinematográfica chamada “Escritores da Liberdade” (2007), que baseada em fatos reais apresenta momentos de embates entre uma turma de alunos contra a possibilidade de serem transferidos a um outro professor, tornando-se fonte de análise e reflexão crítica para problematizar a monogamia dos afetos na sala de aula mesmo quando a relação de ensino e aprendizagem é instituída a partir de práticas engajadas. Aliás, a pedagogia engajada proposta por bell hooks³ (2013) apareceu no percurso metodológico desta pesquisa

³ bell hooks, é o pseudônimo de Gloria Jean Watkins, o nome é uma homenagem à sua avó. “bell hooks” é escrito em letra minúscula para seguir o posicionamento político da autora, que se coloca desta forma em suas produções, como uma recusa egoica intelectual. hooks manifestou em vida o desejo de que prestássemos atenção em suas

como um fio condutor de práticas e teorias que possam embasar uma recondução de turmas que apresentam desafios oriundos da monogamia dos afetos.

MONOGAMIA E SOCIEDADE

A principal característica da monogamia é a não admissão da concomitância de relações afetivas positivas, sejam elas de fé, românticas, produtivas e sociais. A monogamia não se refere apenas ao estabelecimento de relações românticas únicas e exclusivas entre um casal, suas respectivas famílias e círculos sociais, mais do que isso, a origem e a ideologia do conceito revelam particularidades que podem ser identificadas em outras dinâmicas e em circunstâncias para além da esfera do amor, de relações entre um homem e uma mulher ou de relações entre duas pessoas de modo geral.

Segundo a autora Gení Núñez (2023), a história dos embates entre as perspectivas monogâmicas e as perspectivas não monogâmicas remonta o início da colonização do Brasil por Portugal, momento da imposição de um projeto de monocultura dos afetos organizado por missionários cristãos aos indígenas aqui presentes. Diga-se de passagem, é importante destacar que nesta discussão a palavra “afeto” remete ao processo de afetação, no sentido da capacidade de estar autorizado a ser (ou sentir-se) afetado (positivamente ou negativamente) com relação ao outro.

Nesse sentido, a monogamia nasce do contexto da proibição e da eliminação por parte dos colonizadores europeus das múltiplas relações afetivas positivas dos indígenas no que se referia à fé desta população. A catequização realizada sobre a população indígena visava inculcar a moral cristã como única possível e, portanto, eliminar dessas comunidades a existência da pluralidade de manifestações religiosas. Uma vez que o cristianismo organiza-se de forma monoteísta, a proibição de outras práticas religiosas indígenas e a imposição do afeto positivo único ao que remete ao cristianismo deu forma a uma estrutura que não admite, a princípio, a concomitância de afetos positivos relacionados à fé e que não pode conviver com a diversidade

palavras e não em sua pessoa, por isso adoto as letras minúsculas ao se referir a ela no texto quando possível, respeitando as normas de editoração e da ABNT (Santana, 2009)

religiosa, estendendo-se a outros aspectos no decorrer do desenvolvimento social (Núñez, 2023, p. 27).

Gení Núñez (2023, p. 28) assinala que, no processo de catequização indígena, os jesuítas impuseram sobre as relações de alteridade a referência de que apenas o deus de suas crenças era verdadeiro e justo com relação aos demais deuses. Entretanto, essa lógica não se restringiu à esfera religiosa; os jesuítas, missionários colonizadores, também atribuíram a marca de reivindicar a verdade para si e a falsidade ao outro em todas as relações indígenas que observavam. Assim, “[...] para os padres, as tradições indígenas não poderiam conciliar-se com o que para eles era o único, perfeito e verdadeiro casamento cristão.” (Núñez, 2023, p. 29).

Nesse sentido, ao falarmos em monogamia dos afetos estamos nos referindo a um conceito que indica a existência de uma estrutura de relações afetivas. A monogamia pressupõe tomar uma única relação como verdadeira e digna de afetação positiva diante das demais, que são consideradas inferiores e que devem ser negadas - essa relação positiva pode envolver a relação entre duas pessoas, que deve ser nuclear, como um casamento, inadmitindo a concomitância desse tipo de relacionamento com outros sujeitos, assim como pode envolver a relação entre um sujeito e um tipo de fé, de círculo social ou de um grupo político.

Além disso, a estrutura monogâmica reconhece a existência do desejo de se relacionar com pessoas, grupos e crenças que estejam de fora do núcleo mono-afetivo, porém ela estabelece que esse desejo deve ser reprimido e negado como uma prova de fidelidade para que a relação monogâmica seja central. A manifestação de ações que validam a centralidade da relação monogâmica é essencial não só para sua continuidade, como também para que se evite castigos, sanções, punições e até mesmo assassinatos das pessoas que as suspendem; é a fidelidade, pois, o principal preceito da estrutura monogâmica (Núñez, 2023, p. 30)

Por isso, é um equívoco interpretar a monogamia apenas como um conceito de descrição quantitativa do número de sujeitos que uma pessoa se relaciona. Na verdade, a monogamia tem menos a ver com quantidade e mais com a forma e com o tempo em que essas relações acontecem. No resgate conceitual feito por Gení Núñez (2023, p. 31) acerca do termo, a autora destaca que no monoteísmo cristão, base da estrutura monogâmica que atravessa a sociedade brasileira, uma das

características de deus é a de um ser que só valida a relação de outros consigo quando esta é feita de forma exclusiva e que quando isso não ocorre ele manifesta ciúmes, ira e até mesmo revela-se traído por seu povo conforme as escrituras bíblicas.

Conseqüentemente, o que fundamenta a monogamia dos afetos é a abdicação de múltiplas relações positivas em concomitância a favor de apenas uma como prova de sua validação ou, como popularmente é reconhecido, de um suposto amor. No senso comum, há um entendimento de que essa estrutura orienta apenas relações religiosas ou românticas e que a monogamia não estrutura as instituições, porém, se nos voltamos aos desdobramentos da catequização indígena no início da colonização do Brasil, como apresentado até aqui, notamos que para os missionários não era suficiente que os indígenas se convertessem a um único deus, era preciso muito mais e isso envolvia questões de casamento, família e propriedade.

Justamente, uma breve revisão sobre a forma que a legislação brasileira se comporta (ou já se comportou) diante de temas como o casamento, a família e a propriedade revela os impactos e a própria ordenação monogâmica sobre a vida social. O direito ao divórcio, na forma que conhecemos hoje é recente, estrutura-se apenas na Constituição de 1988; o adultério foi considerado crime pelo Código Penal até 2005; e o atual Código Penal considera crime a bigamia, isto é, a firmação de um segundo casamento com o primeiro ainda em vigor - vale ressaltar que sobre esta criminalização não se supõe que esse segundo casamento ocorra de forma consciente e sim como um engano. Por fim, ainda no Código Penal atual há a institucionalização da fidelidade, prevista como um dever de ambos os cônjuges. (Núñez, 2023, p. 38).

Logo, as crianças, jovens e adolescentes, que chegam na escola para um primeiro espaço de experimentação da vida pública, trazem para a sala de aula e para o estabelecimento das relações que acontecem lá as referências monogâmicas que observam em casa com pais, responsáveis e em noticiários policiais, tendo em vista que, se a própria legislação assinala o desvio à monogamia como um crime a ser punido, a reiteração de discursos monogâmicos, que impõe a abdicação da autonomia de escolha de múltiplas relações positivas ao outro, faz com que quando esse desvio ocorra, na maioria das vezes o outro, principalmente a outra, é punido com a perda da própria vida. Sobre isso, vale mencionar que o Brasil ocupa o 5º lugar no ranking

mundial de feminicídios e dados do Anuário de Segurança Pública revelam que 90% das vítimas de feminicídio foram assassinadas por seus companheiros ou ex-companheiros (Moura, 2023).

Destarte, se os alunos são conscientes da expectativa do estabelecimento de relações positivas como únicas e exclusivas, eles também são conscientes das consequências de isso não ocorrer, efeitos especialmente negativos no que tange às relações humanas. Como discutido até aqui, a estrutura monogâmica orienta as pessoas a olharem para relações afetivas positivas como “únicas” e “exclusivas”, essas que são verdadeiras e dignas, enquanto às relações afetivas concomitantes como falsas e até criminosas. Assim, há uma expectativa dos alunos em conseguirem construir relações afetivas positivas exclusivas com seus professores e colegas e toda manifestação de que haja uma concomitância de relação afetiva positiva tendem a se sentirem traídos, angustiados e até mesmo com a sensação de que aquela relação é falsa.

MONOGAMIA E SALA DE AULA

Uma vez que o tema “monogamia dos afetos e a sala de aula” possui pouco repertório para reflexão e análise, faz sentido realizar um esforço metodológico a partir da construção de um ensaio sociológico que une um olhar sobre uma produção cinematográfica, em questão o filme “Escritores da Liberdade” (2007), à auto-etnografia do autor e sua realidade em sala de aula a fim de assinalar os momentos em que a monogamia dos afetos aparece e analisar como seu estabelecimento provoca efeitos negativos às relações educacionais e ao desenvolvimento dos estudantes enquanto sujeitos na sociedade.

Dentre os filmes que recebem destaque quando o assunto é desafios educacionais, a produção “Escritores da Liberdade” (2007) é popular nas reuniões pedagógicas de escolas por ser capaz de orientar reflexões sobre alunos oriundos de bairros marcados pela violência, dos impactos da segregação e do nazismo na sociedade e na sala de aula - e, acima de tudo, por ilustrar a potência da mediação de uma pedagogia engajada. O filme, que é baseado em fatos reais, apresenta a história da professora Erin Gruwell, quem assume uma das turmas de uma escola que

acaba de aderir a integração de alunos negros estadunidenses e foca nos embates dessa professora, branca, oriunda de classe média, em suas tentativas de construir uma relação de ensino e aprendizagem com seus alunos, retratados como violentos e indisciplinados. Até que, ao aproximar o contexto dos estudantes ao conteúdo ensinado, somado a estratégias de desenvolvimento do relacionamento interpessoal dos jovens, Erin Gruwell consegue, a partir de sua mediação, promover não só seu relacionamento positivo com a turma, mas também o desejo dos estudantes de seguirem com suas trajetórias escolares.

Apesar do filme focar nos momentos de construção da relação de ensino e aprendizagem da professora Erin Gruwell com seus alunos e atribuir positividade em torno desse sucesso, outras questões que aparecem no filme chamam atenção para o que vem sendo discutido até aqui por este artigo. A começar pela manifestação de ciúmes do esposo da professora, Scott Casey, pela relação positiva construída por ela com seus alunos; o filme apresenta cenas em que Scott Casey demonstra insatisfação e até o sentimento de rejeição quando Erin Gruwell passa a dedicar tempo, estima e investimento material com relação a seus alunos. Ele chega a questionar se ela ainda o amava devido ao início da relação positiva com seus alunos e pede o divórcio quando a professora decide não abrir mão de seus afetos positivos com seus alunos em prol da manutenção de seu casamento.

Se tomar essas cenas como exemplo para a reflexão, servem apenas para apontar a presença da estrutura monogâmica nos lares, tendo em vista que o esposo Scott Casey impõe que sua esposa Erin Gruwell abra mão dos afetos positivos para que seu relacionamento seja central, inadmitindo, então, a concomitância de relações de afetos positivos. Os embates dos alunos e da professora Erin Gruwell com a diretoria escolar para que a relação deles não chegue a um fim, fazendo com que Erin Gruwell continue sendo a professora da turma pelos próximos anos (chegando até a universidade), revela características monogâmicas nessa relação de ensino e aprendizagem, visto que além da indissolubilidade do vínculo, não há no horizonte dessa sala de aula ficcional a possibilidade de autorização à construção de relações positivas concomitantes com outros professores que não sejam a Erin Gruwell.

Quando a professora Gruwell consegue estabelecer uma relação de ensino e aprendizagem positiva com seus alunos através de uma mediação engajada, isto é,

aquela que possibilita a construção de conhecimentos científicos e também de saberes sobre como conduzir a vida, incluindo a diversidade e a individualidade de cada aluno, além da participação ativa de todos os alunos (Hooks, 2013, p. 27), a personagem Victoria, jovem negra que faz parte da turma de estudos avançados - a única negra da turma em questão -, pede transferência na diretoria para que ela possa ingressar na turma da professora Erin Gruwell, turma essa considerada problemática por ser composta por latinos, negros e pobres. Logo, o professor Brian Gelford, responsável pela turma de estudos avançados, manifesta seu sentimento de revolta por sua aluna querer mudar de turma e atribuir positividade a uma outra relação de ensino que não a sua, mais ainda quando descobre que os alunos da turma da professora Erin Gruwell passam a reivindicar que ela siga sendo sua professora nos próximos anos, evitando que eles sejam seus alunos no ano seguinte.

Na realidade do filme, a professora Erin Gruwell não poderia lecionar aos alunos de sua turma nos seus próximos semestres devido a sua formação. No entanto, o sucesso de suas iniciativas, somado a uma conversa com a direção geral, faz com que ela continue acompanhando o desenvolvimento de sua turma e, assim, eles não passariam para a turma do professor Brian Gelford. Aliás, ao final do filme, é apresentada a informação de que a professora Erin Gruwell realizou uma pós-graduação para lecionar aos alunos na universidade. Por se tratar de um filme baseado em fatos reais, é importante mencionar que não é intenção deste artigo deslegitimar a prática pedagógica da professora em questão; vale a pena, porém, responder uma questão aberta pela secretária da escola, Margaret Campbell, durante uma das cenas, para seguir com as reflexões aqui propostas.

No auge dos embates entre a professora Erin Gruwell e a secretária educacional Margaret Campbell para que Erin Gruwell continue com a turma, a secretária se dirige a Erin e diz: “[...] acredite você ou não existem outros professores capazes aqui e, se você obteve progresso com seus alunos, eles estão prontos para seguir em frente e podem até ganhar alguma coisa com professores experientes” (ESCRITORES... 2007). Em seguida, a professora Erin responde: “[...] você não pode lecionar para eles, você nem gosta deles” (Escritores... 2007). Da ficção para a realidade, a verdade é que nem todos os professores conseguirão acompanhar suas turmas até o fim das trajetórias escolares dos alunos que as compõem e, sendo assim,

é possível apontar a validade do que afirmou a personagem Margaret Campbell - não a partir do seu egoísmo, mas da necessidade de se trabalhar em sala de aula as percepções de fim de ciclos e mais ainda da concomitância de relações positivas com outros professores.

Afinal, por que outros professores não conseguiriam aprender a gostar de turmas que não estão sob sua responsabilidade para ensiná-los? E por que outros professores não poderiam tentar repetir e até conciliar novas estratégias para a manutenção de uma nova e outra relação positiva de ensino e aprendizagem? Essas perguntas surgem ao assistir o diálogo descrito acima, mas também servem para ampliar questionamentos sobre a sala de aula e a relação de alunos com professores, tendo em vista que a necessidade da continuidade de vínculos representada no filme e posta no cotidiano escolar parecem estar mais baseadas nas dinâmicas da monogamia do que de fato em uma pedagogia engajada.

Segundo bell hooks (2013, p. 18), as perspectivas de educação bancária e aquelas que se voltam à obediência tornaram a figura do professor como a mais importante de uma sala de aula, como se esse profissional fosse o único responsável pelas dinâmicas das atividades e o próprio entusiasmo da turma. Entretanto, ao nos voltarmos a uma pedagogia engajada, tais noções se desfazem no próprio reconhecimento crítico da realidade do cotidiano escolar, visto que “[...] a voz do professor não é o único relato do que acontece na sala de aula.” (Hooks, 2013, p. 34) e para que todos os alunos participem e se engajem é necessário, através de práticas pedagógicas, criar meios em que todos se reconheçam como parte do processo de ensino e aprendizagem, isto é, meios em que todos se percebam, ouçam seus nomes e suas vozes, percebendo-se enquanto parte da mesma turma.

É verdade que as metodologias ativas utilizadas pela personagem professora Erin Gruwell visam o desenvolvimento do relacionamento interpessoal, da comunicação e da conduta ética de seus alunos, a exemplo de atividades como a “caminhada dos privilégios” e a “elaboração de projetos”. No entanto,, a incapacidade dos alunos em estabelecerem relações positivas concomitantes com outros professores apresenta a monogamia na sala de aula, ou seja, o desejo de tornar aquela relação construída com a professora da turma como única, exclusiva e indissolúvel. Inclusive, quando Erin Gruwell revela que a princípio não poderia dar

continuidade com o acompanhamento da turma, um dos jovens diz abertamente que se sentiu traído e, ao invés de iniciar um movimento de aplicar práticas pedagógicas que estimulem a reflexão sobre fins de ciclos, a professora dá início aos embates com a diretoria geral como já descrito.

A partir dessa descrição do enredo do filme “Escritores da Liberdade”, com ênfase à monogamia dos afetos, é possível assinalar que a monogamia é um dos panos de fundo do filme. Nessa narrativa, encontramos não só resultados positivos da construção de uma relação de ensino engajada, como também os efeitos negativos como a incapacidade de se lidar com o fim de uma relação e a manifestação de ações que desprezam outros professores em prol da manutenção da relação com a professora Erin Gruwell como relação positiva central. Como esse término não ocorreu, conseguimos apontar seus impactos a partir das reações de professores e de alunos de forma isolada, o filme não apresenta embates diretos de alunos rejeitando outros docentes, apenas a sua possibilidade como forma de validar a relação com a professora Erin Gruwell como central.

Nesse sentido, organizei um breve relato auto-etnográfico em que a monogamia dos afetos entre professores e alunos não só aparece, como também impacta diretamente a dinâmica da sala de aula e o trabalho docente. Com a saída de um dos professores da escola em que atuei como professor, fui convidado a assumir duas de suas turmas. Os alunos de ambas as classes tinham cerca de 14 a 16 anos e, ao me apresentar como o novo professor e dizer “bom dia”, fui repellido com falas como “você não é nosso professor” e “ele não vai ser melhor que nosso ex-professor”. As atividades propostas, bem como a minha mediação, foram recebidas com apatia por cerca de 1 mês. Nesse período, também surgiram outras falas de comparação entre meu trabalho e do antigo professor.

Ao mesmo tempo, conforme dava continuidade ao meu trabalho com as turmas pelas quais já era responsável, uma frase de um grupo de alunas me chamou atenção: “professor, você está traindo a gente?”. Elas se referiam às duas turmas que eu acabara de assumir, turmas essas que eu avaliava como com problemas de relacionamento interpessoal e conduta ética, questões que justamente estavam norteando minha prática docente quando lá atuava. Foi nesse momento que reconduzi minhas propostas pedagógicas para as turmas novas e, durante as próximas aulas

com elas, realizei uma roda de conversa acerca de respeito, cuidado e carinho, ações essas que eu tinha pelo antigo professor da referida turma - falando abertamente sobre meu respeito por ele, convidei-os a falar sobre a relação que havia terminado.

Naquele momento, deixei claro que eu não me sentia mal pelo carinho que eles tinham pelo antigo professor e que eu não queria que eles abrissem mão daquilo para construir sentimentos positivos pela minha figura durante a minha mediação. Conseqüentemente, os alunos perceberam que não havia mais necessidade de manifestar ações de resistência à minha mediação como prova de que aquela relação que terminara fosse a única e central de suas vidas. Foi um recomeço necessário e sem punições para aqueles que, mesmo após essa roda de conversa, continuaram manifestando afetos positivos pela minha atuação ao mesmo tempo que se lembravam de forma positiva da relação que um dia já aconteceu com outro professor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma vez compreendido que a monogamia estrutura relações afetivas e que ela tem como característica constitutiva a abdicação (ou a não autorização) de afetos positivos concomitantes em prol da manutenção de uma única relação positiva, essa que deve ser exclusiva e central, podemos afirmar que ela aparece no horizonte escolar quando professores conseguem estabelecer uma relação positiva de ensino e aprendizagem com turmas de alunos e, ao mesmo tempo, essas turmas de alunos não conseguem estabelecer relações positivas concomitantes com a mediação de outros professores ou outros alunos que o professor central também seja responsável.

Além disso, podemos apontar que a monogamia dos afetos pode ser um desafio educacional quando ocorrem manifestações de ações por parte dos alunos que validam a centralidade da relação positiva com determinado professor(a), sejam elas rejeitar a mediação de outros docentes e/ou questionar a validade das relações positivas do professor central com outras turmas. Tendo em vista o pouco repertório disponível para análise, a reflexão em torno de cenas de uma produção cinematográfica que tem a sala de aula como pano de fundo permite indicar que a monogamia representada causou efeitos nocivos às relações humanas, como o

impedimento da continuidade de relações positivas concomitantes e a interdição do contato de alunos com outros professores.

Mais ainda, quando nos debruçamos sobre um relato auto etnográfico, percebemos que para além de assinalar a monogamia dos afetos no horizonte da sala de aula é necessário realizar práticas pedagógicas que destaquem a existência dessa estrutura e suas problemáticas à vida dos professores e dos alunos. Se seguir a ordem monogâmica significa não permitir que pessoas, nesse caso, alunos, se afetem positivamente pela mediação de outros professores, implicitamente ou explicitamente, cabe ao docente expor que não há impeditivos ou punições para que isso aconteça, evitando que as ações de manifestação da centralidade de uma relação ou o próprio ciúmes acarretem violências, resistências e indisciplina.

É nesse sentido que a teoria educacional de bell hooks (2013, p. 18) pode ser um respaldo para a solução (ou para o aprender a lidar) com o que podemos chamar de “monogamia escolar”, tendo em vista que a autora pontua que qualquer pedagogia que pretenda a romper com a lógica da educação bancária deva insistir que a presença de todos deve ser reconhecida e validada, não apenas a do professor ou da professora responsável, mas a de todos que compõem o ambiente escolar. Aliás, tal insistência não deve ser feita apenas no dizer, mas também por meio de práticas pedagógicas, pois só assim todos reconhecerão que o entusiasmo é gerado pelo esforço coletivo e não pelo esforço do professor ou da professora responsável pela turma.

Assim, não basta indicar a partir de práticas pedagógicas que todos os alunos fazem parte da dinâmica da sala, mas também que todos os professores e funcionários são importantes para o desenvolvimento escolar e social, sendo relevante também que visualizem a possibilidade de se afetarem positivamente por todos e, simultaneamente, sem que isso signifique desprestigiar a relação de ensino e aprendizagem central com o professor responsável por uma turma. É verdade que não é fácil localizar a origem das ações de violência escolar de uma turma de alunos contra um professor, porém, em casos de substituição é importante colocar a monogamia dos afetos em perspectiva para detectar a sua estruturação das dinâmicas de interação dos alunos e assim escolher práticas pedagógicas que orientem a turma rumo a uma nova relação de ensino ou à possibilidade da

concomitância de relações de ensino positivas. Logo, uma turma de alunos não precisará ter em mente respeitar apenas o seu professor e sim todos aqueles que se dispuserem a mediar sua equipe.

Um grupo de alunos que possuem um alto nível de dedicação em aulas, que demonstram habilidades de comunicação, relacionamento interpessoal e conduta ética, podem não conseguir estender seus empenhos para mediação de outros professores por manifestarem a monogamia em relações de ensino e aprendizagem, isto é, por apresentarem certa monogamia escolar por professores e suas respectivas turmas.

Enfim, cabe dizer que não há pretensão de substituir uma estrutura monogâmica por qualquer outra no que tange à organização dos afetos na sociedade - e sim indicar quando e como tal estrutura organiza desafios educacionais que podem impactar diretamente a autoestima de um professor que assuma a mediação de outras turmas que não seja a sua. A obra de bell hooks, "Ensinando a Transgredir" (2013), apresenta reflexões em torno de uma pedagogia engajada, que tem como objetivo geral promover a liberdade e, dentre as práticas propostas, existe a urgência da criação de um senso de comunidade com os alunos. Ou seja, a partir de métodos e técnicas pedagógicas, orientar os alunos rumo a uma consciência crítica da realidade em que todos participam e promovem o engajamento do todo, esse parece ser um caminho rumo a uma possibilidade de validação de múltiplas relações de afeto positivo no ensino e que promove essa liberdade de não abdicar de relações positivas concomitantes como a monogamia impõe.

REFERÊNCIAS

ESCRITORES da Liberdade. Direção de Richard Lagravenese. Estados Unidos: Paramount Pictures, 2007. (122 min.), color. Legendado.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática de liberdade. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

MOURA, Jéssica. **Feminicídio em alta afasta Brasil da igualdade de gênero**. 2023. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2023/11/27/feminicidio-em-alta-afasta-brasil-da-igualdade-de-genero>. Acesso em: 14 out. 2024.

NÚNEZ, Gení. **Descolonizando afetos**: experimentações sobre outras formas de amar. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.

SANTANA, Andreia. **Bell Hooks: uma grande mulher em letras minúsculas**. 2009. Disponível em: <https://mardehistorias.wordpress.com/2009/03/07/bell-hooks-uma-grande-mulher-em-letras-minusculas/>. Acesso em: 19 jan. 2025.

SANTOS, Silvio Matheus Alves. **O método da autoetnografia na pesquisa sociológica**: atores, perspectivas e desafios. Plural, São Paulo, SP, v. 24, n. 1, p. 214- 241, ago./2017. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/plural/article/view/113972>. Acesso em: 10 out. 2024.

Artigo recebido em 19 de dezembro de 2024.

Aprovado em 29 de janeiro de 2025.